

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Director :

ALFREDO C. DE F. ALVIM

Redacção : RUA SETE DE SETEMBRO, 174

ASSIGNATURAS :

para o Brasil	} um anno.... 12\$000 } 6 mezes..... 6\$000
União Postal.....	

## SUMMARIO

—	Campanhas pela Paz
Anisio Teixeira.....	A direcção da sociedade pela educação
Ermelinda C. Ramos...	Os castigos corporaes nas escolas antigas.
F. A .....	Methodização necessaria

Mestre-Escola .....	Tres palavrinhas
Alecis Dröpoff, ... ..	A cola
Djalma Andrade.....	Acto de caridade
—	O serviço telephónico
Marianna Brandão....	Os estudo da botanica nos jardins de infancia de Paris

## CAMPANHAS PELA PAZ

Passados alguns annos da grande conflagração que ensanguentou o mundo e cujas consequencias por larguissimo periodo se têm feito sentir, no momento em que novos rumores surdos, devidos a lutas economicas, ou a ambições desmedidas, ou a competições armamentistas de toda sorte, são como precursores longinquos de outras contendidas bélicas que ninguem poderia prever até onde iriam no damno que poderiam acarretar á economia e á civilização em geral, é felizmente confortador o espetaculo que nos offerece a maioria das forças pensantes e sensatas do mundo inteiro em sua campanha apaixonada pela paz, como o maior de todos os beneficios a que possam aspirar os homens.

O Brasil entra galhardamente nessa corrente dos que se esforçam para que o mundo dê solução pacifica a seus dissídios e cabe na hora presente ao espirito lucido do Ministro Mello Franco a excelsa gloria de vincular á obra da preparação da paz o

Brasil novo, ou renascido da grande revolução social de 1930.

São recentes os actos assignados pelos governos brasileiro e argentino, tendentes a assegurar cada vez mais o entendimento pacifico das duas maiores nações sul americanas, bem como a campanha da «paz pela escola», a que o nosso governo emprestou sua valiosissima solidariedade.

E' necessarió que se radique decisivamente na mentalidade dos povos do novo continente a idéa da proscricção de quaesquer soluções violentas para as dissensões que entre elles surjam. A guerra é o inimigo de todos os povos, a calamidade universal, o sorvedouro das energias, o dissipador das conquistas economicas, o aniquilador da civilização e é preciso que a mocidade compreenda desde os bancos da escola, que só a paz nos pode conduzir para os nossos elevados destinos. Honra, pois, aos que a propugnam, que estão cuidando do futuro da nação.

## A direcção da sociedade pela educação

(Conferencia realizada pelo Dr. Anísio Teixeira,  
— na "Associação Brasileira de Educação" —)

Como o problema se apresenta: — A medida que a sociedade humana se enriquece e se desenvolve, mais difficil, mais delicado e mais complexo se torna o problema de sua direcção.

Nem por outro motivo é que, hoje, a vida humana transcorre entre incertezas e anxiedades graves e sérias, por entre as quaes parece oscillar, por vezes, o proprio juizo do homem, em busca do equilibrio e da certeza, que lhe fogem obstinadamente.

Não iremos, aqui, ministrar nenhum remedio a esses chamados males modernos, mas, tão sómente, situar o problema da direcção da sociedade, indicando o processo, já em marcha, de seu progressivo soluçionamento.

Muito antes de existir a especie de Homem que veio a sobreviver, e que é a nossa especie, affirmam os anthropologos que algumas outras chegaram a existir, as quaes, como o Homo Sapiens, já usavam instrumentos e até mesmo conheciam o fogo.

A generosa classificação com que nos designarem os sabios, teria, porém, um valor prophético, se não fosse dada *a posteriori*, porque se o nosso antepassado não chegou a merecel-a, o seu successor, com as centenas de milhares de annos decorridos, já pôde, com certa tolerancia, ser considerado *sapiens*.

Detendo uma capacidade biologica inacreditavel para se educar, ou se transformar, transformando o proprio ambiente em que vivia, faltavam ao homem, entretanto, para que a sua marcha fosse rapida, a consciencia e a intenção dessa capacidade.

O uso de instrumentos que, á primeira vista, poderia significar o uso da intelligencia, era muito mais o prolongamento de um instincto mais agil e mais agudo de adaptação do que o de outros animaes.

A propria observação scientifica já tem verificado que não era tal uso exclusivo do homem, como se pensava, encontran-

do-se o mesmo habito entre as especies superiores do macaco.

Nesses primordios da existencia humana, a vida se traçava assim ao sabor exclusivo de impulsos animaes, não havendo logar para um *problema de direcção*.

O impeto vehemente e seguro dos instinctos que chegamos, por vezes, jogando com as palavras, a chamar de *sabios*, dirigia a vida do Homem em planos e traçados inevitaveis, para rumos permanentes e inalteraveis.

A vida humana teria, nessa época, a certeza e irregularidade inconsciente da dos animaes.

O uso constante das mãos e a utilização de instrumentos, modificavam-lhe, entretanto, lentamente, o *systema osseo* e o *systema nervoso*, dotando-o de poderes desconhecidos de apprehensão e vocalização. A sua argucia poderosa de animal superior se enriquecia de meios e recursos desusados de acção. Uma obscura e grosseira engenhosidade multiplicava os elementos de protecção, defesa e adaptação ao meio ambiente. A vida não ascendia do nivel do puro instincto, mas esse se revelava sob aspectos diversos e variados, emprestando á natureza um movimento colorido de arbitrio, de que, por certo, a palavra *era* musica extravagante e incerta.

Por quanto tempo a planta humana viveu nesses esboços titubeantes de organização de vida, até que a viessemos encontrar, nos agrupamentos primitivos que ainda hoje subsistem, — a sciencia, até agora não desvendou completamente.

O que, entretanto, importa fixar é que já ahi vamos deparar com um homem cujos instinctos e impulsos se encontram subjugados por uma organização social de costumes e habitos, regulares, imutaveis e fataes.

Desse primeiro acto do drama humano, em que se processou a sua ascensão biologica e social até o nivel dos chamados, hoje, de primitivos apenas conhecemos dados esparsos que nos deixam ima-

ginar a desconcertante lentidão de uma formação rudimentar de memorias e de costumes. Tais memorias e costumes, primeiras criações de um poder mental balbuciante e tenue, não chegaram ainda a criar o problema de direcção na sociedade humana, porque se substituíram aos instinctos e ordenaram os passos do homem, com a mesma medrosa intangibilidade do mecanismo instinctivo.

A vida humana era uma progressiva e efficaz oppressão de desejos e impulsos, estreitamente determinada pelas prohibições e permissões de habitos e costumes, tão precisos e tão fixos, quanto os caracteres inatos das aves e dos peixes. Ainda não se pôde falar do homem como animal de pensamento e de razão. Animal de instincto, a principio, o homem evoluiu a animal de habitos e de costumes, tudo governando e tudo determinando a tradição-todo-poderosa.

A tranquilla fixidez dessa vida, pouco a pouco, se perturbou e se tornou insegura, como o ir e vir dos homens. O contacto da guerra ou do commercio, a luta pela subsistencia e pela propriedade, foram os primeiros semeadores da inquietação em uma vida mental que se estagnara na immobilidade aterrorizada do isolamento e no jugo colectivo do costume.

O demonio da curiosidade não nos veio pelas mãos do philosopho, mas pelas do commerciante. A sabedoria das certezas imutaveis, a saciada e monotona felicidade do homem sem desejos e sem perturbações, não foi roubada por nenhum Prometheu, mas por um caixeiro-viajante. Foi elle que fez descer o pano sobre esse segundo acto da aventura humana, acto em que se espraçou o formidavel esforço inicial do homem fatigado das proprias criações e dellas prisioneiro satisfeito e domesticado.

A esses domesticos da tradição e do costume veio o commercio acordar e perturbar. Não foram precisas novidades. Tradição contra tradição, lenda contra lenda, costumes contra costumes, mythologias contra mythologias, habitos contra habitos, instrumentos contra instrumentos, organizações contra organizações, linguas contra linguas, e estava semeada a bem-dita confusão que ia permittir ao homem fazer perguntas.

E foi fazendo perguntas que o homem aprendeu a pensar e a raciocinar.

Até esse momento não se pôde dizer que o homem raciocinasse, no sentido em que hoje usamos esse termo.

Até ahi a sua evolução se fez por accidente, por acaso, por descobertas de experiencia e erro, a cujos resultados mediocres o grupo se fixava, com a obstinação cega das crianças. Até ahi, o pensamento da humanidade tinha a inconsistencia do pensamento infantil, agarrado a habitos ferrenhamente conservadores e a fantasias inconsequentes e coloridas, que se distanciavam dos sonhos simplesmente pelos choques e obstaculos da realidade.

Do mesmo modo que na criança, o pensamento era, nessas épocas, um recurso de diversão e recreio, que nada mais chegava do que a construir de fantasias e historias um mundo de imaginação extravagante e theatral.

Esse encantado instrumento, com que brincava a humanidade para aliviar-se do constrangimento oppressor de uma vida intransigentemente governada pelos costumes e pela tradição, transmudou-se, ao contacto de outros costumes e outras tradições, em um formidavel instrumento de revolução.

Até o momento, o homem não tinha nenhum recurso para a direcção consciente de sua vida. As cousas eram assim porque eram. Ainda não se chegara a disciplinar o pensamento para que delle se fizesse o instrumento de fazer e responder perguntas, em que depois se transformou.

Os homens pensavam, um pouco, como nós pensamos no Brasil: como poetas.

Admiramos os homens que pensam ou escrevem, entre nós, como homens fóra do commum, sem duvida, mas os misturamos, por isso mesmo, com os prodigios do circo ou os atletas excepcionaes que nos assombram e nos divertem.

E desde que elles sahem da literatura inconsequente e nos dão em uma idéa ou em um livro analyses novas da vida, que a podem modificar e transformar, essa idéa ou esse livro cheira immediatamente a coisa perigosa, a transplantação, a doutrinas exóticas, com que se deseja envenenar a nossa «indole», ou a nossa «realidade»...

Assim também pensava toda a humanidade, ha algumas dezenas de seculos, quando o pensamento encontrou as suas leis, entrou na phase logica e se transformou no instrumento dos instrumentos, para adaptar e re-adaptar os homens ao seu meio.

Começou, ahi, a grande revolução intellectual da nossa civilização. Desde essa época, se iniciou o immenso trabalho humano por educar-se, em vez de domesticar-se.

Inventado o processo de dirigir o pensamento, de fazel-o obedecer a regras e leis, criada a logica, o homem deixou de ser o animal que se treinava pela subjugação ao costume e á tradição, para ser o animal que se dirigia a si mesmo, pelo raciocínio e pela sciencia.

A feliz e placida organização das sociedades primitivas, mantida em equilibrio e dirigida por um systema inflexível de regras empiricas, de disciplina e coacção collectivas, se iria substituir por uma organização de singular *frouxidão de laços* em que individuos autonomos se governavam sózinhos, mantendo-se interdependentes e harmonicos pela dose de esclarecimento que tivessem sobre a racionalidade daquelles laços sociaes.

O inicio da phase racional do pensamento levava a nada menos do que a isso.

Quando Socrates passeava pelas ruas de Athenas, partejando com as suas perguntas as intelligencias sossegadas e domesticas dos seus habitantes, estava fazendo vir á luz, todo o mundo de hoje, com a sua agitação, a sua febre e a sua confusão torturada e dramatica.

Libertada a intelligencia, porque lhe descobriram as leis de seu governo e utilização, se libertaram com ella tantas forças estranhas e contrarias, que o homem iniciou uma phase absolutamente nova de vida, em que o problema de direcção se poz com a gravidade atordoante do mais complexo problema de sua existencia.

Tão allucinante foi esse problema, tão grandes foram o susto e a perplexidade dos contemporaneos, perante o novo estado de coisas, que a sociedade se valeu de defesas excepcionaes para conjurar os perigos de uma mudança brusca e subversiva dos habitos e costumes seculares.

Por outro lado, o uso da intelligencia era ainda segredo de iniciados e, entre elles, por varios seculos, se iria ainda arrastar uma polemica, que retardaria o uso legitimo e generalizado da razão até aos fins da Idade Média.

Duas grandes interpretações iniciaes das leis do pensamento chocaram-se, com effeito, ainda na Grecia, numa dessas disputas interminaveis, que não podiam faltar ao caracter radical da revolução intellectual que se processava. Todo o episodio do Imperio Romano é um facto — perdoem-me os historiadores! — insignificante diante do drama obscuro da intelligencia á busca das suas leis.

O debate que se iniciou na Grecia, arrefeceu-se ante a violencia da Conquista Romana e que se reaccendeu no atormentado e profundo periodo da Idade Média, foi o debate entre o Realismo e o Nominalismo, duas formas distintas de logica, duas maneiras diversas de interpretação do pensamento humano. Tão diffusa e tão obscura ficou para o commum dos homens essa discussão, que a maioria ainda a julga como um desses jogos de subtilidades mentaes, com que os philosophos procuram desconcertar o nosso solido e ladino bom-senso.

Jogava-se, entretanto, ali, a propria utilidade e efficacia do pensamento humano numa partida que se está hoje ganha, não falta, comtudo, quem lhe negue e ameace a victoria.

Que problema real, com effeito, ahi vibrava escondido no linguajar de uma phase rebarbativa da historia do pensamento humano?

Nada menos que isso, na simplificação lucida a que o reduziu o genio de H. G. Wells: *a exactidão do sentido das palavras. Eram as palavras tão verdadeiras, ou mais verdadeiras ou menos verdadeiras* do que os factos materiaes. Se erão tão verdadeiras ou mais do que os factos, uma conclusão logica é mais verdadeira do que uma coisa experimentada, se menos verdadeira, a experiencia é que teria que merecer a supremacia.

Pode-nos parecer, e isso mesmo repete Wells, estravagante que alguém se pozesse esse problema. Entretanto, muitos de nós, ainda hoje, não vencemos, em nós mesmos, a tendencia para dar ás pala-

avras um sentido mais exacto e verdadeiro do que ás experiencias, ás realidades e aos factos.

Os idealistas, no sentido philosophico do termo, os absolutistas, os amantes de systemas, hierarchias, classificações, todos os que se oppõem ao experimentalismo do pensamento moderno, todos são ainda os fieis (remanescentes do grande postulado classico, enunciado por Platão — que, entretanto, presentiu o problema — de que a palavra, o nome, encerra uma realidade superior ás cousas e aos factos, que são apenas reflexos diversos daquella mesma realidade maior e unica.

Tal postulado que foi o grande objecto de discussão de toda a Idade Média, até os remates dramaticos dos seus ultimos seculos, em que vingou, pelo genio de Bacon, a interpretação nominalista, isto é, experimentalista, esse postulado retardou, talvez para a felicidade da especie, a marcha das transformações revolucionarias que o methodo do pensamento viria trazer á humanidade.

Nem a expansão romana, nem os segredos de constricção e prudencia da Idade Média, puderam, porém, deter a marcha da libertação da intelligencia.

Quebraram-se, com a victoria da verdadeira direcção do pensamento, as comportas que mantinham o homem limitado ás suas posses e aos seus costumes.

E a vida humana se projectou, precipitadamente, pelo caminho de sua expansão e de sua liberdade.

Esse caminho da expansão e da liberdade não é, porém, o caminho colorido e sem perigos da imaginação, por onde vagabundeava o homem no periodo de infancia da humanidade, mas um caminho em que as realidades se multiplicam, sob os seus pés criadores, tornando mais difficil e mais complexa a marcha, e em que os erros semeiam perigos que se voltam contra o viandante, numa insistencia tão atordoante, que se lhe faltar intelligencia ou fortaleza, assoberba-o o desejo obstinado de voltar ás veredas ingenuas e faceis de sua infancia.

E' diante desse novo estado, de cousas, que o problema da direcção do individuo

e da direcção da sociedade, se põe em toda a sua alarmante complexidade.

O mesmo problema que não existia na sociedade instinctiva dos primeiros homens, que quasi não existia nas sociedades tradicionaes de todos os tempos, torna-se o maior e o mais grave problema da sociedade moderna, em que libertadas as forças da intelligencia, tudo passou a se expandir e a se transformar num impeto que ultrapassa e rompe todas as organizações, todas as ordens e todos os limites num desconhecimento victorioso de todas as coacções e de todos os constrangimentos criados pela prudencia atemorizada dos homens.

Os dias que correm hoje, pelo mundo, são dias que documentam expressamente esse estado de cousas.

Duas mentalidades, perfeitamente definidas buscam, em esforços antagonicos, as soluções para os problemas individuaes e collectivos que os tempos modernos de inquietação e de progresso nos estão trazendo.

Uma dellas acredita, ainda, na efficacia da coacção, e sonha realizar, pela força, pelo suborno das promessas ou pelo apelo á covardia dos homens, temerosos ante os perigos que presentem, uma nova ordem que se differencia da antiga, pela largueza e amplitude dos seus planos de domesticação e oppressão humana.

A outra vê de face os problemas e acredita que a mesma força que os deflagrou seja capaz de os resolver e encaminhar a vida para novos planos, sempre progressivos e cada vez mais satisfactorios. Essa acredita que o problema não é de coacção, mas de esclarecimento. Para a ordem actual da vida, precisamos de homens esclarecidos, isto é, educados, como precisavamos de homens efficientes no inicio da sociedade industrial do seculo XIX.

Esclarecer é educar. A direcção da sociedade só pôde ser dada, hoje, pela educação, porque as forças da sciencia tornaram a vida tão ampla e tão complexa, e os homens tão libertos, que, ou elles se dirigem a si mesmos, ou ninguem mais os dirigirá.

Mais ainda do que isto, os problemas estão a exigir revisões tão violentas dos

nossos hábitos das nossas virtudes e das nossas idéas que se não tivermos a intelligencia sufficientemente esclarecida e formada, não compreenderemos, nem participaremos das soluções mais avisadas.

Longe de mim a ingenuidade de julgar que evitaremos os erros e até mesmo as catastrophes. Muitos daquelles estamos a commeter e ainda iremos commeter, e muitas das ultimas ainda iremos provocar.

Creio, porém, poder affirmar que o problema é um unico: de mais educação, mais esclarecimento, mais intelligencia, e que na sociedade actual, fóra dahi não ha direcção e nem sequer, salvação.

E assim só não será, se estiver errada toda a evolução do homem que passamos aqui em revista, nesse resumo impreciso e ligeiro da sua grande aventura!

Multiplicado ao infinito os meios da acção, desenvolvida a sociedade até uma complexidade literalmente mundial, o homem, desprovido dos grandes recursos efficazes de constrangimento e limitação, se sente sem os antigos apoios, solto e livre, dentro de uma babel de forças e riquezas materiaes, sociaes e espirituas, contraditorias e antagonicas. Nesse mundo tão complexo e tão delicado, não funcionam, já não podem funcionar, molas puramente mecanicas. As molas são livres e voluntarias. Somos um immenso relógio de precisão, em que as peças devem deliberar por si, a sua parte de collaboração e cooperação. Em tal sociedade, é, pois, indispensavel para haver felicidade commum, uma dóse muito grande de cultura, de conhecimento e de educação.

Nunca foi isto rigorosamente tentado e estranhámos que as coisas não funcionem, estranhámos que não nos sintamos mais livres e estranhámos que todos vivamos inquietos e estranhámos que todos nos estejamos a deixar seduzir pelo saudosissimo de épocas mais simples, mais mecanicas, mais unitarias, onde, por vezes chegamos a lobrigar mais liberdade e mais aventura.

Ha a esse respeito, em nossos dias, uma profunda e inquietante confusão entre independencia e liberdade. Em meio á conturbada complexidade da vida moderna, com os seus multiplos laços de coisas, homens e idéas que nos prendem e

encadeiam, occorre-nos a pergunta: Não estará a liberdade com a independencia? Não será porque não somos independentes que não somos livres?

Collectivamente e individualmente, soffremos, então, a seducção de simplificações voluntarias e artificiaes da vida, com o retorno a isolamentos aggressivos, a dogmatismos unitarios e singelos, ou a primitivismos ingenuos. E', tipicamente a «fuite en avant». A solução do medo, sob os mais disfarçados aspectos.

O equivoco está, porém, na confusão entre liberdade e independencia. Independencia não é, só por si, liberdade. Independente é o selvagem e não o julgamos livre, independente é o camponez, e quem é mais escravo. Independencia é isolamento, uma qualidade quasi sempre negativa, que empobrece e diminue os homens. Desejamos e precisamos ser independentes da miseria, da doença, do desconforto, mas não é nesse sentido que a confusão se estabelece. Lastimamos as dependencias que nos traz uma vida mais complexa e mais difficil. Socialmente e espiritualmente cada vez seremos mais dependentes, á medida que nos desenvolvermos e nos enriquecermos de interesses e de conhecimentos humanos.

E com tal dependencia, progredirá a nossa liberdade.

Na sociedade em que vivemos, com o crescer da propria civilização, dia a dia, o homem «dependerá» de maior numero de pessoas, de maior numero de coisas e de maior numero de idéas e, por isso mesmo, será dia a dia, mais feliz e mais livre, se compreender integralmente o jogo e a funcção de todos esses elementos em sua vida.

Tal sociedade será tanto mais conscientemente dirigida, quanto mais educados forem os individuos que a compuzerem.

Nesse sentido é que compreendemos a direcção da sociedade pela educação, considerada com a propria mola interior de cada individuo, cuja semelhança de funcionamento fizesse com que toda a sociedade se movesse harmoniosamente para a frente, sem os attritos, desigualdades e conflictos que estão a pôr a propria vida humana em perigo.

Não deve ter sido de balde que o ho-

mem, dominando o proprio pensamento, conseguiu tornar indefinido o seu poder de educar-se...

A obra está, apenas, em começo. Mas, os caminhos estão indicados e a humanidade proseguirá em meio a catastrophes, se a educação não estiver á altura dos

problemas; em meio a difficuldades laboriosas, mas com resultados efficazes, se os homens perceberem a necessidade prodigiosa de esclarecimento e educação para uma sociedade propelida pelo dynamismo poderoso e complexo da sciencia.

## A sua casa propria

V. S. pôde obtel-a pelo nosso Plano Novo de Construcção, com as maiores garantias de Arte, Solidez e Commodidade.

### PORQUE

- converteremos simples inquilinos em proprietarios;
- construímos directamente com nossos operarios;
- dispomos de peritos em construcção;
- construímos com ARTE E SOLIDEZ;
- a garantia do cliente é a garantia do nosso capital;
- a nossa organização financeira permite reduzir o custo da construcção;
- vendemos pelo prazo que convier ao cliente;
- as mensalidades equivalem a um aluguel, dependendo do prazo estabelecido;
- a nossa responsabilidade não termina com a entrega da casa; subsiste por muitos annos;
- ajudamos a cancellar a divida antes do prazo estipulado.

«LAR BRASILEIRO» constróe em terreno de propriedade do comprador da casa, desde que esteja situado em logar dotado de boas communicações e serviços publicos. O valor do terreno é computado na entrada inicial de 20 %.

## “LAR BRASILEIRO”

— ASSOCIAÇÃO DE CREDITO HYPOTHECARIO —

RUA DO OUVIDOR, 90/94  
RIO DE JANEIRO

## “A ESCOLA PRIMARIA”

De conformidade com o accordo estabelecido entre a Directoria de Instrucção Municipal e a Administração desta revista, todos os directores de grupos escolares, escolas primarias e cursos populares nocturnos receberão um exemplar de cada numero d'«A Escola Primaria», o qual deverão conservar na «Bibliotheca Escolar», como propriedade do estabelecimento que dirigem.

N. da Red.

## Os castigos corporais nas escolas antigas

(Tradução de alguns trechos do livro —

«Des punitions chez les enfants,» do Dr.

O. Folleyel).

«Des punitions chez les enfants» é um trabalho do Dr. O. Folleyel, premiado em França com medala de ouro, em concurso organizado pela Sociedade de Higiene da Infancia.

É uma obra que se lê com agrado e interesse do principio ao fim, sendo de grande utilidade para os que se entregam ao nobre mistér de educar a infancia.

Antigamente a ideia de educar se prendia infalivelmente á ideia de castigos corporais, hoje postos á margem como atentatoria á dignidade humana. Nem mesmo os irracionais aprendem por esse processo. Devemos aos modernos estudos de Psychologia Infantil e á compreensão mais racional dos metodos pedagogicos a completa abolição dos castigos físicos em nossas escolas, tão comuns entre os povos antigos.

O Dr. O. Folleyel faz um estudo consciencioso e documentado dos processos coercivos empregados desde os tempos mais remotos com o fim de educar e instruir a infancia, grupando-os em tres períodos.

**1.º período:** — Os castigos corporais são universalmente empregados. «Por que, perguntou certo discipulo ao filosofo Menecius, um homem superior» não o instrue elle proprio os seus filhos? O sabio chinês respondeu: «Porque elle não póde empregar a força sem ferir os sentimentos de ternura de um filho por seu pai.»

Assim, os antigos confiavam os filhos a outrem para instrui-los e educa-los.

No livro, da Lei de Manú, um dos livros sagrados da India, onde está exposta a doutrina do brahmanismo, lê-se que o Dwid'já (o homem puro para os indús), não ergue nunca seu bastão para outra pessoa impulsionado pela colera; não bate nunca em ninguém, excéto em seu proprio filho ou aluno. Ele póde castigar para instruir; é mesmo o dever de todo homem digno do título de brahmane.

Quando os alunos cometem uma falta, podem ser corrigidos com uma corda ou uma vara de bambú, mas sempre sobre a parte posterior do corpo, nunca sobre as partes nobres do mesmo; aquele que bate de outra maneira, é passível da mesma pena que se aplica a um ladrão.

**Pedagogia egipcia:** — Pódem-se achar indicações sobre as doutrinas dos tempos anteriores ao décimo século antes da nossa era, graças aos trabalhos de Champollion e seus successores, que nos fizeram conhecer tantas cousas interessantes a respeito da civilização egipcia.

«O bastão desempenha um papel importante na educação egipcia, pois as faltas não precisavam ser muito graves para se fazer uso d'ele.

Algumas vezes o mestre indignado exclama: «tu és como um burro que apanha todos os dias; tu és para mim como o negro estúpido que se corrige com pancada.»

Na Persia, os professores eram particularmente severos com as crianças e inventavam, segundo Léon Charpentier, ao qual pedimos estes detalhes, os suplicios mais diversos.

Quando o aluno era um preguiçoso incorrigível, infligiam-lhe a correção em sessão solene.

Mandavam os condiscipulos do joven condenado — porque só assim poderemos qualificar o aluno — colherem grandes braçadas de rosas cheias de espinhos, de urtigas e de cardos, que eram colocadas num tapete. Aí atiravam o menino a ser castigado; os mais robustos e mais crescidos, ou ainda os assistentes dos mestres, seguravam as quatro pontas do tapete e rodavam-no de modo que o corpo do paciente, quasi nú, fosse ferido pelos agudos espinhos. Enquanto isso, o professor punha-se a recitar os versos do poema das Rosas, obra prima da literatura persa.

Se o aluno acompanhando o mestre,

conseguia também recitar essas estrófes conhecidas de todos os adolescentes estudiosos, o castigo cessava logo. Mas o paciente era incapaz disso: 1.º, porque era ignorante; 2.º, porque sofria.

E assim o suplicio das Rosas continuava até o sangue jorrar do corpo do menino e elle fazer a promessa de estudar daí por diante. Se essa não era cumprida, submetiam-no ao mesmo suplicio, ou a outro mais cruel ainda, como o do bastão. Amarrava-se o paciente pelos pés a um bastão e os colegas erguiam-no de cabeça para baixo, até perder os sentidos. Mas para evitar que isso acontecesse logo, applicavam-lhe vergastadas com varas finas e flexiveis, acompanhadas de jactos de agua fria. Certa vés, um aluno disse, com perfeição um longo poema, e o mestre, despeitado e furioso de ser talvez incapaz, elle proprio, de uma tal proeza, ordenou incontinenti o castigo do bastão. Aumentou ainda o horror desse suplicio, ordenando que cobrissem o corpo do paciente de imundicies!

**Castigos entre os hebreus:** — Entre os hebreus, os castigos para «educar a infancia», não eram menos barbaros.

«Quem dispensa a chibata, odeia o seu filho, dizem os sabios; quem o ama, administra-lhe a correção.» (Proverbios XIII; 24).

Não poupes o castigo a teu filho; se lhe deres com o chicote, elle não morrerá, e livrarás a sua alma da perdição. (Proverbios XIII-13, 14).

Era, entretanto, proibido dar na criança até mata-la: — «Castiga teu filho, tanto quanto possível, mas não te excedas até mata-lo.» (Proverbios XIX, 18).

De fato, o pai não tinha direito de vida e de morte sobre os filhos.

Quando a criança alimentava vicios precoces e era insensível aos castigos usuais, ameaçando tornar-se perversa e devassa, os pais levavam-na ao Juiz, conforme mandava a lei de Israel.

Se um filho rebelde, embora castigado, continuava ainda a desobedecer aos pais, estes se viam obrigados a entrega-lo ao Juiz, com as seguintes palavras:

«Eis aqui nosso filho, que, rebelde e máu, não obedece á nossa voz; é dissoluto e ébrio.»

E o Juiz respondia-lhes:

«E todas as pessoas da cidade o apedrejarão, e assim afastareis o mal para longe de vossa casa.»

Pretende o Talmud que esta lei draconiana jámais foi applicada. Nem por isso o legislador deixava de considerar necessario afastar do convívio social a criança viciosa e incorrigível.

Na Grecia, berço de sabios como Plátão e Aristoteles, os castigos corporais eram tambem adotados. Chrysippe, um dos sectarios do estoicismo, aprovava-os francamente.

Aristoteles recomendou:

«Se a criança faz qualquer coisa prohibida, deve sofrer a deshonra das chibatadas.»

Herbrad assim descreve a educação severa desse tempo: «Apenas a criança escapa á tirania da ama, cai entre as mãos do pedagogo, do professor de linguas, do musicista, e todos lhe applicam vergastadas para ensinar-lhe a sua arte.

Avança elle em idade?

Seguem-no o matemático, o ginasta, o professor de equitação.

Sob a direcção de todos esses mestres, elle é castigado fisicamente; levanta-se muito cedo e não tem um momentoo de repouso. Tornando éfebo, é preciso temer o tecnico, o ginasta, Estes novos mestres ainda o torturam, ainda lhe batem.»

Entre os romanos não ha duvida a respeito da existencia das punições físicas nas escolas.

Plaute, na sua comedia dos «Bachis», põe na boca de um dos personagens as seguintes palavras:

«Assentado perto de teu preceptor, tu lias, e se te acontecia faltar uma sílaba, tua pele ficava logo de varias côres como o manto de tua ama.»

Horacio (648 antes J. C.), no seu livro «Epitres», referindo-se ao professor Orbilius, diz: Lembro-me dos versos que me ditava, quando era mui pequeno, Orbilius, prodigo em pancadarias.

Meninas e meninos sofriam indistintamente os mesmos ralhos e castigos, segundo atesta Marcial, referindo-se a um professor seu visinho.

Plutharco condenava esse sistema e são d'ele estas palavras:

«E' pela doçura e persuasão que se encaminha a mocidade: os maus tratamentos e as chicotadas convêm sómente aos escravos, pois degradam os homens livres. Com este regimen, a criança se torna como que idiota.»

Os proprios cristãos se conformavam com o uso universal do chicote, consagrado nos Proverbios por S. Paulo, S. Crisostomo, Santo Agostinho, etc.

Depois do nascimento de Jesus Cristo, porém, o espirito do cristianismo, evangélico e compassivo, temperou, por assim dizer, a disciplina escolar, uma vez que até mesmo os israelitas passaram a só aplicar as correções corporais aos alunos maiores de 11 anos. Abaixo dessa idade, o aluno desobediente podia ser privado da merenda e mesmo ser castigado com umas chineladas.

Se esses eram os costumes nas escolas da antiguidade, no seio de uma civilização muitas vezes primorosa, não são de espantar as monstruosidades pedagogicas adotadas na Idade Média.

Rudes eram os costumes das populações que sobre as ruínas do mundo antigo constituíram novas nações — Gália, Alemanha, Italia — e, por isso, a educação era dura e cruel.

Para os monges — únicos depositarios da instrução na primeira fase medieval — o dogma do pecado original e a concepção do castigo como uma expiação, santificaram a punição corporal, que penitenciava a carne da culpa. Em meio de populações ignorantes e grosseiras, quantas monstruosidades essas ideias barbaras devem ter provocado!

Comprimir a vivacidade das crianças, encadea-las numa disciplina ferrea, tirar-lhes toda a espontaneidade natural da idade, eis a finalidade da educação monacal nessa época. Foi a idade de «vime» da pedagogia.

A vara simples, o bastão, o triplice latego de vime, tornaram-se os instrumentos intermediarios e regulamentares entre as mãos do monge e a pele do escolar.

A principio, o paciente usava apenas a camisa, mas nas gravuras do século XIV os escolares são representados completamente nus diante do mestre que os castiga.

Os maiores de 16 anos, são os únicos excluidos das vergastadas.

A escolastica da Idade Média exagerava a disciplina e empregou sem escrúpulos as punições materiais.

O chicote e a palmatoria não eram os únicos castigos corporais: havia o jejum obrigatorio e a prisão. Esta era mesmo muito usada na Idade Média.

Hugues Aubriot, prior de Paris no reinado de Carlos V, reservou duas células para os escolares que lhe eram confiados a cada colegio importante tinha sempre prisões ocupadas por supostos culpados.

Não esqueçamos, porém, Gerson, pseudônimo de Jean Charlier, chanceler da Universidade de Paris e um dos autores presumidos da Imitação de J. Cristo. Ele achava que as crianças devem ser tratadas com carinho paternal, jamais sendo adotados os castigos corporais.

2.º período: — Os castigos corporais ainda são adotados, mas codificados, porque cresce o clamor contra elles.

A Renascença e a Refórma tiveram pouca influencia sobre a vida escolar.

Entretanto, nessa fase da renovação literária, científica e artistica, os detratores das punições corporais tornaram-se mais numerosos e mais veementes.

Erasmio, Rabelais e Montaigne queriam sacudir o jugo tiranico do habito, propondo mais moderação no tratamento inflingido aos colegiais, e pedindo punições menos severas e brutais.

Erasmio, este grande humanista da pré-Renascença, pretendia que os franceses usavam mais pancada do que nenhum outro povo.

Na Alemanha, algumas escolas conservavam ainda a rudeza da I. Média. Amarravam as crianças nús a um poste e quanto mais ellas negavam a falta que lhes imputavam, mais o carrasco redobrava as chibatadas.

«E' para a charrua, escreve Erasmio, que é preciso mandar semelhantes mestres, dignos de aterrorisar com a sua voz atoadora os bois e os burros.»

Rabelais, o inovador mais ousado em materia de educação e de cultura intelectual da Renascença francesa, ataca violentamente as punições corporais. Em Gargantua elle recorda com furor seus anos de colegio,

mórmente um certo professor, eximio na applicação de varadas.

Nos seus Ensaios, Montaigne ataca com energia os processos brutais e humilhantes das correções físicas, que transformam as escolas em prisões abominaveis.

Em Toulouse, num colegio de jesuitas, era escolhido o aluno mais forte para surrar os outros, o que lhe valia o colegio de graça.

A vitima era castigada diante de toda a classe, amarrada aos pés de uma cadeira.

O numero de chibatadas para cada correção era de 70 a 80, nunca menos de 40. Não é necessario observar quanto era immoral e ao mesmo tempo cruel essa disciplina que, pela mão de um colega, sob os olhos dos demais, punia a falta, algumas vezes insignificante, por violencias brutais, por uma expiação toda corporal, donde se saía com muitas escoriações e pouca contrição, antes mesmo com o rancôr e o ressentimento inevitavel em semelhante caso, além da raiva de ter sofrido diante de todos uma punição des-honrosa.

3.º período: — Transformação das ideias pedagogicas. Supressão dos castigos corporais. J. J. Rousseau (1712-1778).

Com J. J. Rousseau rompe-se a tradição e o dogma novo (aliás muito contestado na sua fórmula absoluta) da bondade nativa do homem — surge então.

Ensaaiaram-se todos os instrumentos, diz Rousseau, menos um: a liberdade bem regrada.

«Não administreis ao vosso aluno nenhuma lição verbal; elle só deve aprender pela experiencia; não lhe inflijais nenhum castigo, pois elle não sabe o que seja uma falta; não o forceis jámais a pedir perdão, porque elle não vos poderia ofender.

Não tendo ainda nas suas ações compreensão nítida da moralidade, elle nada pôde fazer que seja moralmente mal e mereça repreensão.

A pressão perpetua em que trazeis vossos alunos, irrita a sua vivacidade; quanto mais constrangidos em vossa presença, mais se tornam turbulentos quando se afastam; é bem razoavel que elles se des-

forrem, quando possivel, do duro tormento que lhes infligis».

Dessas teoria do autor do «Emilio», nasceram a confiança inabalavel do professor Pertalozzi na bondade da natureza humana; a solicitude pela mocidade, de Froebel, o creador dos jardins de infancia; a didactica nova de um outro alemão, Basedow; — o que leva a pratica da pedagogia para melhores rumos.

Bernardin de Saint Pierre, o amigo, o confidente de Rousseau, deve ocupar um lugar de destaque entre os imitadores de J. J. Rousseau.

O uso do chicote provoca a indignação do autor de Paulo e Virginia: «Atribuo a este género de castigo não sómente a corrupção física e moral das crianças e de varias comunidades, como até da propria nação... Seria uma questão interessante de direito a tratar, averiguar se o Estado pôde consentir que homens, sem o direito de vida e de morte sobre os outros, possam entretanto infligir-lhe a infamia.»

Kant, o filósofo alemão, em materia de educação, abraça francamente as teorias de Rousseau.

E' elle quem escreve: «as duas cousas mais dificeis para a humanidade são a arte de governar os homens e a de educá-los.»

E' com profundo sentimento de respeito pela dignidade do genero humano que elle discute a questão das punições. Ele declara preferir á punição física a punição moral, que consiste em humilhar a criança pelo desprezo, pela indiferença, pelo sentimento de vergonha que deve despertar nela e ainda á punição artificial, a punição natural, como, por exemplo, a indigestão — que se segue a um excesso de mesa.

As punições físicas, diz ele, só devem servir para remediar a insuficiencia das punições morais. Quando estas não surtem efeito e que se recorre ás punições físicas, é preciso renunciar para sempre a fórmula, por esse meio, um caratér forte. Mas no principio, o medo físico serve para reparar na criança a falta de reflexão.

As punições que lhe são infligidas em consequencia da colera, têm resultados falsos, contraproducentes.

As crianças vêm nisso sómente efeito de paixão alheia e se consideram élas próprias como vítimas dessa paixão. Em geral, é preciso fazer notar-lhes que as punições são empregadas com o fim unico de lhes melhorar o caráter.

E então: que a criança aprenda a substituir o temor da propria consciencia ao temor dos homens e dos castigos divinos; a estima de si mesma á opinião de outrem; o valor intrinseco das ações ao das palavras. (Doutrina da Virtude, Kant).

Locke diz, com espirito e razão, que é tão difficil fixar idéias nitidas em uma alma agitada, como escrever num papel movel.

«As crianças guardam rancôr aos pais, depois de terem sido corrigidas?» Não, élas são solidarias com os progenitores, partilhando desde cedo seus sofrimentos e élas compreendem «as zangas.» «Elas se habitua a ser castigadas, como a gente se habitua a comer mal; poder-se-ia mesmo dizer que, algumas vezes, élas tomam gosto pelos castigos; alguns pais dão um scapapo alegre, batem jovialmente e, por qualquer cousa, provocam as pretensas correções.»

As crianças desculpam tambem as punições mesmo injustas, que arrefecem logo pela vivacidade do sentimento. A punição refletida, que se agrava, que se regula, é menos aceita; as punições escolares, assumindo um caráter de permanencia, poderiam tonar as crianças vingativas e dissimuladas.»

Existem ainda, neste século vinte, escolas onde os castigos empregados antigamente revivem com todo o seu horror, onde as crianças ficam reclusas horas e horas, por motivos insignificantes.

Não me refiro, está claro, ás escolas dos centros civilizados, mas no interior do Brasil, quanta ignorancia existe ainda em matéria de educação?

O mal, porém, não é só nosso. Ainda ha pouco tempo os jornais noticiaram um caso bastante doloroso, ocorrido em Manilha: num certo colégio, por ocasião de um incendio, pereceram carbonizados varios alunos, que estavam presos a chave numa sala.

O fato é desses que dispensam comentarios.

E' preciso que os educadores — pais e mestres — se compenetrem dessa grande verdade: é pelo amôr e pelo exemplo, que se formam a alma e o caráter de uma criança.

Ermelinda de Carvalho Ramos

## Methodização necessaria

A vida pedagogica atual apresenta aspectos surprehendedentes ás vezes.

Nota-se em tudo uma situação tumultuaria e apressada. No ensino, essa situação tem já causado transtornos e embaraços a professores e estudantes.

Não ha muito, presenciámos em varios collegios os estragos causados no ensino e na disciplina por uma imperfeita comprehensão da escola activa.

Felizmente, aos poucos, o bom senso foi corrigindo como pode os males extensos provindos da má interpretação da escola dinamica.

Houve institutos de ensino, porém, onde foi observada a medida justa das coisas, não produzindo males a implantação da nova norma pedagogica.

A escola activa sempre foi adoptada no Instituto La-Fayette, dentro porém, de uma comprehensão justa do problema.

Foi assim que o Jardim da Infancia se tornou alicerce capaz do curso primario e do complementar.

A ordem, o methodo racional, a objectivação, foram e são elementos ainda que, nesse instituto, fazem do curso primario base solida para estudos posteriores.

O curso secundario, pois, embora ás vezes prejudicado por programmas extensos, difficilmente vencidos pelos didatas, encontra, assim, elemento capaz de o tornar assimilavel.

Não menor facilidade acham nos estudos dos cursos technicos de commercio os que frequentaram o curso primario do Instituto La-Fayette.

A ordem e o methodo racional ressaltam em todos os empreendimentos pedagogicos dessa casa de ensino.

Não só ha cuidado e ordem na exposição das disciplinas dos cursos secundario e

technicos de commercio, cursos esses offcializados. O curso geral superior, do Departamento Feminino, destinado á formação moral, intellectual e pratica da mulher brasileira, é um desses cursos que merecem a attenção de todos e mesmo do governo do paiz.

Nesse curso, a cultura scientifica não exclue a cultura esthetica indispensavel. O Desenho, a Pintura, a Esculptura, a Musica e a Poesia são apreciadas, com o mesmo cuidado com que se apreciam a Mathematica, a Physica, a Biologia e a Philosphia.

As installações do Instituto La-Fayette facilitam tambem a comprehensão dos assumptos scientificos.

Em todos os departamentos dessa casa de ensino ha gabinetes proprios, para o estudo das sciencias physicas e naturaes.

Assim, o laboratorio de Chimica e os gabinetes de Physica e Historia Natural do Departamento Masculino são modelares e organizados com bastante espirito scientifico.

Não menos interessantes são os gabinetes e laboratorios tambem dos Departamentos Feminino e Mixto.

Os gabinetes de Geographia são organizados de accordo com o modelo do Departamento Feminino. Nesses gabinetes, ao centro da sala, fica o planispherio, todo em relevo, colorido, em torno do qual ficam as cadeiras em disposição circular.

Nas parcdes são collocados os detalhes geographicos, tambem em relevo colorido.

A installação dos internatos attendem ás disposições da hygiene moderna.

O internato do Departamento Feminino é installado em salões amplos. Ha um desses salões, em forma de prisma hexagonal, com ventilação e illuminação perfectas.

O Departamento Preliminar do Instituto La-Fayette é especialmente destinado ao Jardim da Infancia e ao curso primario, muito embora haja taes ensinos no Departamento Mixto, á praia de Botafogo.

Pela proximidade que estão desse Departamento, não ha curso da idade pre-escolar nos Departamentos Masculino e Feminino.

Em tudo se nota bom emprego de tempo e ordem no Instituto La-Fayette. Não

se fazem excursões sem finalidade instructiva e educativa. Se os estudantes do curso secundario e do technico de commercio, acompanhados dos professores visitam officinas, centros industriaes, museus e laboratorios, as creanças dos cursos preliminar, medio e de admissão tambem vão a passeios instructivos, a museus, jardins e praias, de tudo tirando, com ajuda dos professores especializados, conclusões uteis e necessarias.

Muito facilitam essas excursões os auto-omnibus do Instituto La-Fayette, factor preponderante da conducção rapida e bem organizada dessa casa de ensino.

No Brasil, sem favor, é o Instituto La-Fayette uma organização pedagogica modelar, e que bem alto leva sempre o bom nome da nossa grande Patria e que propaga sempre com amor as idéas luminosas de trabalho util e de harmonia perenne.

F. A.

## Tres Palavrinhas

**Decada.** — A palavra significa originariamente dezena, ou coleção de dez unidades. O sentido atual, porém, é apenas o de dezena de anos, decênio.

A acentuação corrêta é *década* (proparoxitonia); é tambem a mais divulgada, sendo raros os que proferem *decáda*, com acentuação paroxitônica.

**Decendio.** — E' o periodo de dez dias. A acentuação corrêta é *decêndio*.

**Pacaembú.** — Nome geográfico vulgar em São Paulo, é raro que o empreguem pessoas extranhas ao grande Estado. Esses extranhos, quando vêm a dar com a palavra, pronunciam-na tal como se escreve: *pa-ca-em-bú*. Entretanto a pronuncia paulista, que deve ser evidentemente a preferida, é *pakembú*.

MESTRE ESCOLA

# Educação Moral

## A COLA

Caros discípulos.

Estou aqui com vontade de tratar de um assumpto muito velho, assumpto que toca num verdadeiro furunculo no corpo do ensino no pais.

Este furunculo é a «cola».

Muitas vezes, desta cadeira, foram preferidas palavras contra o mal horroroso que soube transformar muitos estabelecimentos de ensino em escolas de cola, onde a unica cousa que o alumno aprendia direito era «saber colar».

O dr. Menicucci em sua ultima preleção, falando sobre a cola, qualificou-a como delito, igual ao roubo - *merecedor de cadeia*.

Neste ponto não concordo com o nosso amigo dr. Menicucci.

Sem duvida, há certa semelhança entre o roubo e a cola.

Quer o ladrão roubando um par de sapatos velhos, quer o colador, procuram melhorar sua situação, por meio de apropriação, por um proceseo illegal, duma cousa fora da possibilidade de ser adquirida honestamente.

Assim, sob o ponto de vista moral, o nivel dos dois é completamente igual. — «Mas, como é que no caso de descoberta do delito do ladrão, apanhado com o par de sapatos velhos na mão, vai para a cadeia — meditar sobre a injustiça da vida, enquanto que o alumno colador recebe um 0 e na pior hipotese perde um semestre»

A' primeira vista, a injustiça é clara — ou então pode ser que eu não tenha direito de colocar no mesmo nivel moral o ladrão e o alumno colador?

Absolutamente.

Enquanto que o ladrão, exercendo o roubo, prejudica uma outra pessoa (neste caso o proprietario dos sapatos), o alumno, roubando o direito para alcançar nota alta, não prejudica a ninguem sinão a si proprio e, no caso de não serem descobertas as deshonestidades dos dois, enquanto que o ladrão satisfeito, vai gosar os sapatos, o

alumno formado por meio da cola, não terá valor nenhum na vida e irá se arrepender bem depressa da estupidez que fez na escola, perdendo o tempo sem causa justa, em vez de estudar.

Assim, o unico sentimento que podemos ter é o de comiserção.

Neste caso, se formos obrigados a brinda-lo com um 0 não será diretamente para castigá-lo, mas porque, não poderemos de fórmula alguma avaliar o valor de seu trabalho.

Afastando-o, por alguns dias do meio escolar, mostrando-lhe e aos seus amigos que a cola é um ato de deshonestidade, mas de deshonestidade num estado laiente.

Outra cousa é o alumno que deu a cola.

Não julguem que aquele que fornece a cola pratica uma ação merecedora de elogios.

—«Deu a cola. Salvou o amigo de um 0». E' a primeira impressão. Nada disse: pelo contrario, praticou uma ação covarde.

Em vez de recusar firmemente o pedido de cola e assim forçar o *camarada* ao estudo, muitas vezes, tomara previamente o compromisso de fornecer a cola, muitas vezes, não sem interesses material, permitindo assim ao outro afundar-se cada vez mais.

E, quando o colador fracassa, seja nas provas finais, seja na vida pratica, quem é o culpado senão o falso amigo?

Deste modo, termino, dizendo que se o fundo meral de um ladrão e de um colador é o mesmo, o do colega que dá a cola é muitas vezes pior do que o dos dois primeiros, pois, ele não tem desculpa nenhuma e o outro objetivo que ele pode ter é o de se destacar, mais tarde, entre os formados pela cola e, partanto, sem conhecimentos, vontade e a aptidão para o trabalho.

*Alexis Doropeff, da Escola Superior de Agricultura e Veterinaria de Viçosa.*

## Acto de caridade



Que eu faça o bem, e de tal modo o faça,  
Que ninguem saiba o quanto me custou.  
—Mãe, espero de Ti mais esta graça:  
Que eu seja um bom sem parecer que o sou.

Que o pouco que me dê me satisfaça.  
E, si do pouco mesmo, algum sobrou,  
Que eu leve esta migalha onde a desgraça  
Inesperadamente penetrou.

Que a minha mesa a mais tenha um talher,  
Que será, minha Mãe, Senhora Nossa,  
Para o pobre faminto que vier.

Que eu transponha tropeços e embaraços,  
Que eu não coma sosinho o pão que possa  
Ser partido por mim em dois pedaços.

*Djalma Andrade.*



## O serviço telephónico

### UMA EXCURSÃO PEDAGÓGICA

A revista «Telephone News» publicou ha tempos, trechos de relatorios dos alumnos de uma escola publica de Sewickley, Pennsylvania, feitos após uma visita que os pequenos escolares fizeram, acompanhados de suas mestras a uma estação telephonica da referida cidade.

Nos trabalhos apresentados revelaram os alumnos grande aproveitamento na visita, mostrando o que observaram nas diversas dependencias da estação e o que comprehenderam do serviço telephónico. Uma menina do 5º anno primario escreveu sobre a historia do telephone um interessante trabalho do qual destacamos um trecho onde se vê a influencia que sobre essa maravilhosa invenção teve D. Pedro II, imperador do Brasil.

Eis o trecho :

«Alexandre Bell inventou o telephone em 1875. O seu primeiro telephone foi exposto na Grande Exposição. Bell voltou á cidade de Boston afim de ensinar surdos-mudos; isto deu-lhe a idéa para fazer o telephone.

Na Grande Exposição, Bell procurou mostrar ao grande publico a utilidade de sua invenção, porém, nenhum dos mestres presentes se mostrou interessado. Por fim, após uma demonstração feita por Bell na presença do imperador do Brasil, tendo este classificado o telephone como uma invenção maravilhosa, os seus juizes ficaram por elle attrahidos tornando-se dahi por diante uma invenção popular».

Ha pouco, tal como na cidade americana, alguns alumnos do ultimo anno de uma de nossas escolas primarias, guiados por dedicada professora, realizaram proveitosa visita á estação telephonia 8 (antigo villa). De regresso á escola todos os discipulos se entregaram a tarefa de descrever a excursão. Destacamos dentre os trabalhos, apresentados alguns trechos curiosos.

Disse uma alumna :

...«Atrás de cada grupo de seis telephonistas, fica uma moça que é a encarregada. E' ella quem faz as ligações para não atrasar o serviço, quando o assignante começa de conversa com a telephonista.

Na placa metalica onde estão os numeros e que fica em frente de cada telephonista ha varias marcações : a vermelha é signal de telephone retirado, a verde indica telephone desligado por motivo de mudança, a preta é signal de que não ha telephone com aquelle numero. Vimos tambem uma ligação de telephone manual com automatico e de automaticos entre si.

Estavamos encantados e maravilhados com o que viamos.

Encantou-nos a grande disciplina com que as moças trabalham. Quando chegamos e durante todo o tempo da nossa visita, não houve uma só telephonista que olhasse para tras distrahindo-se do seu serviço.

Antes de sahir fomos convidados para tomar sopa e uma chicara de café com leite. Aceitamos e ficamos muito gratos porque já estavamos com alguma fome e ainda tinhamos muito que andar até em casa.

Retiramo-nos ao meio dia e quinze minutos, satisfeitos com a excursão, agradecidos a nossas professoras, que tão carinhosamente nos levaram e o Sr. Jayme, que nos facilitou essa instrutiva visita».

Uma outra alumna fez as seguintes e interessantes considerações sobre signaes de linha e modo de attender ás chamadas:

«Quando uma pessoa vai pedir uma ligação, accende-se uma luz para avisar a telephonista e ella diz : «Que numero, faz favor?» A's vezes ella não ouve bem: «Queira desculpar, que numero, faz favor?» O assignante dá o numero e ella completa a ligação»...

Nesse outro trecho de relatorio, uma alumna do 4.º anno demonstrou apreciar muito a disciplina de nossas telephonistas... e confessa que nunca pediu uma ligação...

«...Depois subimos para a sala das telephonistas. Havia muitas moças sentadas em volta de uma mesa comprida : ellas traziam um aparelho de telephonista preso sobre a cabeça. Ellas estavam de costas

para o centro da sala ; nós chegamos e ellas não se viraram para tras, mostrando disciplina que chamou a attenção de todos nós.

Gostei muito da visita que fizemos porque vendo como funccionam os telephones, agora fiquei com vontade de pedir uma ligação, o que nunca fiz na minha vida»...

O telephone é, realmente, de uma grande e indiscutivel utilidade. Presta-nos os melhores serviços. Para que elle, porém, possa servir sempre bem é indispensavel a colaboração do publico. E' necessario que as pessoas que se utilizam dos telephones saibam perfeitamente, manejar o aparelho, cousa alias de uma grande simplicidade. E' imprescindivel que o assignante nunca deva por o seu telephone á disposição de pessoas que não estejam familiarizadas com o seu uso.

Deve prohibir terminantemente que as crianças o usem como brinquedo ou que se façam os tão frequentes «trotes, casos que infelizmente não são raros.

Na menor duvida sobre o numero exacto a chamar deve sempre consultar a lista telephonica antes de pedir o numero. Inumeros são os casos em que uma pessoa disca ou pede um numero errado. Em primeiro lugar ella pensa que a ligação foi mal feita e pede o mesmo numero uma segunda e mesmo uma terceira vez para depois pedir «Reclamações» e em fim verificar que o numero pedido estava errado. Foi a memoria que falhou e não o aparelhamento da estação.

Não deve chamar a cada instante «In-

formações» para saber numeros que se acham na Lista Telephonica. A Secção «Informações» attende a casos de emergencia.

Quando uma chamada não puder ser effectuada em vista da linha pedida se achar occupada deve se esperar um certo tempo antes de fazer uma nova tentativa e não pedir impacientemente logo o mesmo numero.

Deve, sempre, discar todos os algarismos do numero desejado. Em caso contrario a ligação não se effectua o aparelho fica impedido.

Depois de ter deixado um algarismo deve soltar o disco para que este volte livremente. Nunca forçar a volta. Os impulsos para a ligação são dadas automaticamente e exclusivamente na volta do disco a posição inicial com uma velocidade determinada. Qualquer interferencia seja para accelerar ou diminuir a velocidade deste movimento é prejudicial ao funcionamento do registrador na estação que neste caso reproduz um numero errado.

Não deve nunca discar antes de ouvir o som typico que indica que a estação está prompta para receber a chamada. Em caso contrario o registrador da estação não funcionará.

Não deve abusar do tempo nas conversas telephonicas para não impedir as linhas, no interesse proprio e no dos outros assignantes.

Quem assim proceder, só terá louvores para o serviço telephónico, que é, verdadeiramente, modelar na nossa culta cidade do Rio de Janeiro.

Casa Orlando Rangel

Drogaria e  
Perfumaria

Rangel Costa & Cia.

Grande deposito de drogas, productos quimicos, especialidade farmaceuticas e perfumarias, nacionaes e estrangeiras.

83, Rua Republica do Perú, 83 — Rio de Janeiro

A que mais barato vende perfumarias.

## O estudo de botânica nos jardins de Infância de Paris

E' como simples estudante que tomo a liberdade de vos dirigir algumas palavras. Perdoai-me, portanto, esta ousadia, e não vejais no meu gesto senão o desejo de vos pôr ao corrente do método de trabalho, para o estudo de botânica, adotado no curso pedagógico do «Collège Sevigné», e a sua aplicação nos jardins de infância e classes primárias.

Este curso é dirigido por Melle. Brunot, joven naturalista de grande valor em pedagogia já muito conhecida. Dirige um jardim de infância que é um dos mais interessantes de Paris.

Não pretendo expôr o que estudamos em botânica, mas sim de que maneira estudamos. Creio que o método de trabalho é o mais importante e o que poderá interessar.

Não temos nenhuma instalação especial para as aulas de botânica. Passam-se em qualquer sala onde hajam mesinhas facilmente transportáveis para que nos possamos reunir em grupos, caso haja conveniência nisso. Como todo material, cada aluna possui uma lente e um canivete.

Somos nós, alunas, que devemos procurar as plantas a serem observadas em aula. A professora traz-nos sempre alguma coisa de interessante a vêr, mas compete a nós explorar os bosques, campos e florestas dos arredores de Paris, á cata de material de estudo.

Durante a aula uma das alunas faz a observação em voz alta, enquanto as outras verificam se é justa. A professora só intervem para esclarecer uma duvida, mostrar alguma coisa que passou despercebida ou classificar a planta se nenhuma de nós o soube fazer.

A nossa primeira aula consistiu na observação das folhas de outono que apanhámos nas ruas de Paris. Deviamos, simplesmente, descrever o que viamos em cada folha: fórma, nervação, consistência, perfume, côr, etc. Tivemos de escolher, depois, as que dariamos a observar aos pequeninos do jardim da infância e justificar a nossa escolha. Por exemplo: as fo-

lhas de plátano, de castanheiro e de carvalho, porque são simples, grandes, de forma muito definida e que fazem contraste entre si.

Direi mais adiante como preparámos a observação com as crianças. Agora continuo a falar do estudo das «élèves maitresses» como nos chamam lá.

Depois de cada observação feita em aula ou em excursões e passeios, devemos desenhar e aquarelar a planta observada. Não se trata de fazer uma bela aquarela, um trabalho artistico, mesmo porque nem todas são capazes disso, mas um desenho esquemático, documentario, que prove uma grande justeza de observação. Para maior nitidez dos detalhes costumamos passar um traço de nankim antes de aquarellar, e indicamos depois, ao lado, as explicações necessarias. Devemos anotar também, a data e a região onde foi colhida a planta. Isto nos facilitará o trabalho de classificação por familias e regiões (plantas dos campos, das florestas, da beira dos caminhos).

Uma vez em cada trimestre apresentamos ao professor a nossa coleção de desenhos para ser corrigida.

Fazemos também desenhos de memoria, o que é muitas vezes exigido na ocasião dos exames.

Como livros de consulta, servimo-nos da Flora Bonnier e da «Encyclopédie pratique du Naturaliste» mas só devemos lançar mão delles depois de havermos feito a observação para constatar se foi justa ou para fazer a classificação se a planta nos é desconhecida.

Não trabalhamos ao microscopio, porque só nos dedicamos ás crianças, do jardim da infância á classe de 8me., que equivale, creio, á 4ª. classe daqui, e os nossos professores são de parecer que só a partir dessa classe é que as crianças podem começar o estudo ao microscopio. Como o nosso curso é muito sobrecarregado, devido á sua curta duração, não nos é possível aprofundar o estudo da botânica, visto que nunca teremos ocasião de applicá-lo com as crianças. Mas, como diz Melle. Brunot, ela despertou o nosso interesse, deu-nos o método de trabalho, compete agora a nós continuarmos a estudar. Pelo que me diz respeito, confesso que tenho outro inte-

resse pelo estudo das ciencias naturais depois que iniciei este curso; sinto um prazer imenso em fazer descobertas, em encontrar belezas num «matinho» que eu desprezava até então.

Agora passo a falar do trabalho com as crianças.

Todos nós sabemos que o interesse das crianças pelo estudo das ciencias naturais, varia muito segundo o meio em que elas vivem.

Mas já tive ocasião de constatar que com um pouco de geito, os meus professores conseguiram interessar os que pareciam mais indiferentes.

Começo pelos pequeninos do jardim da infância com os quais o meio exterior ainda não teve tempo de exercer a sua influencia. Refiro-me ás criancinhas de 3 anos, e mesmo de 2 anos e meio como se vê muito nos jardins da infância de Paris. Estes pequerruchos tem ou não interesse espontaneo pelas plantas?

E' muito commum ouvir falar-se no espirito destruidor da criança. E realmente não ha ninguém que ainda não tivesse visto uma criancinha destruir uma flor. Dir-se-ia que escolhe as mais bonitas de um jardim para destruí-las todas a-eito. Mas é justamente essa maneira de proceder que prova a sua atração pela flôr. E' atraída primeiro pela côr; em seguida estende a mãozinha e segura-a em cheio; sente a maciez das pétalas agradável ao tato; aperta mais um pouco e a flôr se desfolha.

Para o nosso ponto de vista de adultos, é um ato de destruição, mas para a criança pequenina que está em plena fase de experimentação sensorial, é o meio de se pôr em contato com a flor, de conhecê-la, de apreciá-la. E a experiencia repetir-se-á enquanto houver flores ao seu alcance. Compete a nós aproveitar este interesse e orientá-lo.

Quando a criança compreende que a planta também vive, cresce e se alimenta, muda inteiramente de attitudo. Para apresentar esse momento, todos os jardins de infância de Paris, tem na classe muitos bulbos de jacintho. E' escolhida esta planta porque também vive na agua, de—modo—que se pode observar o desenvolvimento

das suas raízes através de um vaso de vidro. Começa-se por mostrar a bolbo ás crianças para que façam a observação: Elas apalpam, definem a forma, sentem as escamas, vêm a côr. Em seguida, as mais velhas, fazem, se quizerem, o desenho ou a modelagem da bolbo. Depois, enchem os vidros de agua e colocam os bulbos de jacintho nos bocaes. As crianças estão, prevenidas que daquê bulbo vai se desenvolver uma planta que dará uma linda flôr e que é preciso, portanto, zelar para que nunca falte a agua que a vai alimentar.

Por enquanto o bulbo não desperta muito interesse, o que é natural, mas não lhes é indiferente a tarefa de mudar a agua, lavar o vidro. Esses garotinhos que estão na idade da agua como diz Decroly, manifestam um grande prazer, todas as manhãs, á hora de tratar das plantas. E as professoras também quando vêm um petiz de 3 anos fazendo um bom exercicio de attenção, atravessando a classe, muito competido, com um vidro cheio de agua e sem deixar cair uma gota no chão.

Até que um dia um dêles descobre as raízes que estão apontando. Esta descoberta sensacional põe-nos loucos de alegria, e deste momento em diante redobram os cuidados para não molestar as raízes ao mudar a agua.

Eu não posso dizer aqui, tudo o que se faz como estudo de botânica nos jardins da infância em Paris, porque as instalações dos collegios e as condições climaticas são tão diferentes das daqui, que o que se faz lá não nos pode servir de orientação. Os trabalhos de jardinagem que interessam tanto as crianças, são quasi inacessíveis aos pequenos parisienses porque é rarissimo o collegio que tem um pedacinho de terreno, e quando o tem, é reservado para o recreio. As estações do ano, são tão definidas na Europa, que o plano de observações a fazer com as crianças é quasi invariavel. Em todo o mês de Outubro, faz-se as observações das folhas de outono; pelo natal é o pinheiro com todas suas lendas; em Março, festeja-se a chegada da primavera e observa-se os «bourgeons». No terceiro trimestre, as flôres.

Mas o que é comum ás crianças de lá como ás daqui, é a maneira como observam

uma planta nessa idade. No jardim da infância as observações limitam-se a percepções sensoriais. Não se dá à criança nenhum nome científico. É secundário que ela chame «cabo» ao peciolo, mas o importante é que lhe saiba descrever a forma, a dimensão, a cor. Quanto mais sensível for a criança a essas percepções, mais justa será a observação e mais fácil a expressão.

Como já disse mais atrás, no jardim da infância só mostramos às criancinhas, flôres simples, grandes, de forma bem definida. Elas ainda não têm idade para perceberem os pequenos detalhes, mas já sabem ver o que tem uma flor de mais característico.

Fazemos geralmente uma observação por semana, e temos o cuidado de ter a classe sempre florida. Em pires, com algodão embebido em água, estão sempre lentilhas, feijões e favas a brotarem. São plantas fáceis de se ter em classes, e são boas observações para a criança.

É espantoso de constatar como elas já se preocupam, nessa idade, com a decoração da classe; o cuidado em escolher as flôres que ficam melhor num vaso que em outro, as cores que se harmonizam e o melhor lugar para colocá-las.

Na classe de Ilme. as observações continuam a ser sensoriais. Mas a criança já está apta a constatar pequenas diferenças de forma, de cor, de dimensão. Por exemplo: as folhas de plátano, de castanheiro, de carvalho, que mostrávamos no jardim da infância, por fazerem contraste de forma, substituímos às de faia, olmo, carpa que são muito parecidas. Depois de fazermos a observação de cada uma destas folhas e da criança ter notado os detalhes que as diferenciam, fazemos jogos de atenção. Por exemplo: colocamos as folhas sobre uma mesa; as crianças observam-nas bem e a seguir fecham os olhos enquanto tiramos uma das folhas para que digam depois o nome da que falta. Faz-se o jogo com um pequeno grupo de crianças de cada vez.

Nesta classe ainda não damos nenhum termo científico. Mas já procuramos despertar o interesse da criança em fazer observações na nossa ausência. Pedimos-lhes que nos tragam as flôres que colherem

durante os passeios. É rara a sexta ou segunda-feira que as crianças não cheguem ao collegio trazendo toda a sorte de galhós, de flôres e folhas.

Na classe de 10 me este interesse se acentua.

E a partir deste momento as crianças, espontaneamente, começam a fazer pesquisas, comparações e indagações. Elas têm nesta classe 7 anos de idade em que mais se interessam pela vida dos bichos e das plantas. As histórias que fazem sucesso são as no genero das de: Mario et les animaux, Goupil le rouge, e as narrativas das épocas prehistoricas.

Nesta ocasião, como já sabem ler e escrever, têm o caderno de observações aonde, depois de cada observação de planta ou de animal, fazem o desenho com as explicações ao lado.

Nesta classe, a medida que as crianças vão mostrando interesse por maior conhecimento, vamos ensinando os termos de: peciolo, limbo, nervuras, folhas compostas, folíolos, sepalas, pétalas, estames, polen, pistilo, pedunculo. Mas esperamos sempre que a criança compreenda primeiro a função de um órgão para só depois dar-lhe o nome.

Uma ocasião em que a nossa professora estava fazendo a observação de um «perce-neige» com um grupo de crianças, uma garotinha de 7 anos incompletos, depois de descrever muitas coisas que via na flôr, perguntou:

—É esta bolinha verde o que é?

—A bolinha verde, responde a professora, está cheia de filhotinhos de «perce-neige», mas eles estão tão pequeninos que são ainda sementes.

—«Então, acrescenta a garota, a bolinha verde é a mamãe que os guarda».

A resposta desta criança prova que ela compreendeu a função do ovário e no entanto ela ignorava que a bolinha verde se chamava ovário. Se Mlle. Brunot lhe tivesse dado o nome antes de lhe explicar a função, a criança ouviria o termo como mais uma palavra a decorar mas a significação lhe escaparia.

Na 9ª classe observa-se particularmente as folhas compostas, os diferentes tipos como: palmeiras, acacias, glicínias.

Como jogo de atenção separam-se os

folíolos dos peciolos para que as crianças os reconstituam depois.

Nesta classe já podemos dar flôres miudas e difíceis a observar, mesmo flôres compostas. As crianças já são capazes de uma atenção longa e já possuem o método de trabalho.

Continuamos a ensinar termos novos: calice, corola, ovario e ovulos, carpelas e estilete, estigma, antera e filete.

Conhecendo todas as partes de que se compõe uma flor, as crianças começam a encontrar características comuns a certas plantas, a fazer associações, daí a necessidade de as classificar por famílias.

Mas este trabalho de classificação só se ordena e se completa a partir da classe de 8 me. Não se trata só da arida classificação para o fichário; nesta ocasião a criança já sabe ver. Ela localiza a planta no seu ambiente proprio, ela conhece os seus hábitos e costumes, se me posso exprimir assim.

Todo este plano de trabalho que acabo de resumir, para as diferentes classes, seguindo um ritmo ininterrupto, subentende-se que é para as crianças que venham tendo uma assiduidade escolar desde o jardim da infancia, ou pelo menos, desde a 11 me. É claro que teríamos de agir de outra maneira com uma criança que entrasse para o collegio com 8 ou 9 anos e que nunca tivesse estudado botânica até então. Prevendo um destes casos, os nossos professores fazem-nos preparar diferentes planos. Por exemplo, uma das ultimas perguntas que nos fizeram foi a seguinte: Se passassemos as férias da

Pascoa com uma criança de 9 anos que nunca tivesse estudado botânica, como a iniciariamos no estudo e o que dariamos a observar durante esses 15 dias de férias?

Temos uma hora para responder, comecemos por determinar o local das férias, se em Paris ou em outra região, e a seguir traçamos o nosso plano.

Não posso relatar aqui um destes planos porque levaria esta palestra muito longe.

Antes de acabar queria dizer duas palavras sobre um dos nossos trabalhos que parecendo não ter nada a ver com o nosso estudo de botânica, está, no entanto, intimamente ligado: são os centros de interesse.

A organização destes centros é, sem duvida, o trabalho mais importante que temos a fazer no nosso curso. Devemos desenvolver um tema que é na maior parte das vezes sugerido por nós mesmas, alunas, e fazer depois o plano do encadeamento das lições, organizando as ocupações para cada dia.

Além dos grandes centros de Decroly como: a alimentação, os meios de defesa contra as intempéries, onde o estudo de botânica ocupa um tão grande lugar, ha os pequenos centros inspirados em diversos assuntos mas que giram quasi sempre em redor da vida das plantas e dos animais. De modo que as nossas criancinhas, além das observações ocasionais, fazem todas aquelas que estão indicadas no plano do centro de interesse.

Mariana Brandão

**ACTO  
DE LEGITIMA  
DEFESA**

**COMPRAR  
NO  
PARC ROYAL**

A MAIOR E MELHOR CASA DO BRASIL



SAPATOS PARA ESCOLARES (MENINOS) EM BEZERRO PRETO TODO FORRADO. NS. 28 A 33 RS. 20\$000; DE 34 A 40 — 24\$000

**Casa do Bastos**

FERNANDES BASTOS & Cia.

RUA URUGUAYANA, 49

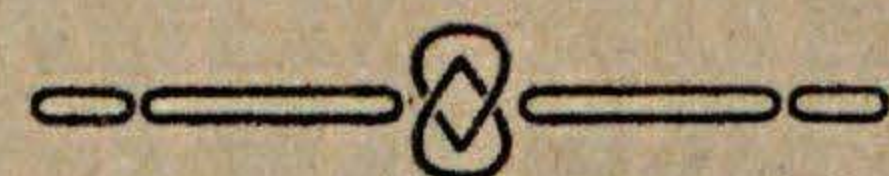
PARA MENINAS

DE 28 A 33 RS. 8\$. DE 34 A 40 — 22\$

**ACTO DE LEGITIMA DEFEZA**  
**COMPRAR NO PARC ROYAL**  
 A MAIOR E MELHOR CASA DO BRASIL

### Assistencia Dentaria Escolar

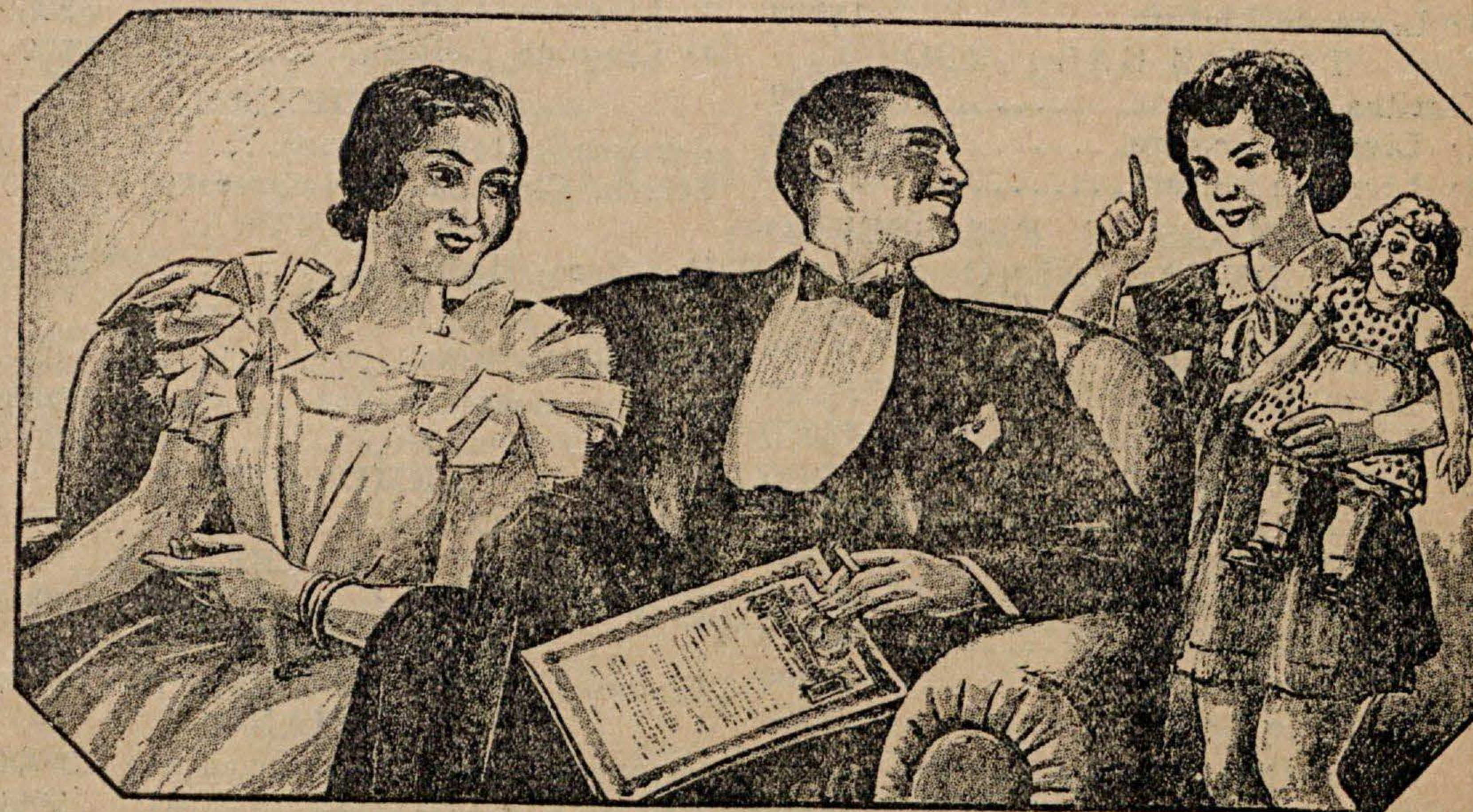
*Chamamos a atenção dos senhores dentistas escolares para o grande sortimento de artigos dentarios. que a CASA CIRIO oferece em melhores condições*



Ouvidor 183

Phones, 2-2949 e 2-9449

## Levante AGORA, neste NATAL, O ABRIGO DO FUTURO DE SEUS FILHOS!



**T**ODAS as ocasiões são boas para V. S. cuidar do bem de seus filhos. Nesta época, porém, esses gestos ganham um valor enorme. Imagine o jubilo de sua esposa si, no Natal, V. S. lhe dissesse: — Querida, fiz hoje um seguro para garantir o futuro de nossos filhos! V. S. mesmo se sentiria outro depois de dar essa noticia e passaria a encarar a vida sob um prisma inteiramente diverso.

Isto depende apenas de um pouco de firmeza de sua parte. Basta-lhe estudar o plano de seguro que mais se ajusta ao que V. S. pôde gastar. Nada mais! Reflecta e veja como resolver este problema, antes que chegue o Natal. Trata-se de proteger o futuro de seus filhos.

# Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

**COMECE COM A LEITURA DESTE LIVRETO!**

**FIRME** Seu titulo é "O Vosso Futuro". Foi editado para os paes como V. S. e para receber-o basta usar o coupon abaixo. A remessa é feita gratuitamente e sem prender V. S. ao menor compromisso.

A SUL AMERICA - Caixa 971-Rio

MM

Queiram enviar-me — gratuitamente e sem compromisso — o livreto "O Vosso Futuro"

Nome.....

Rua.....

Cidade.....

Est. de Ferro..... Estado.....

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO  
Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO  
Rua Libero Badaró, 49 A

BELLO HORIZONTE  
Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## MILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000

## THOMAZ GALVARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000

## SÉRIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica.....	1\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primieros Passos na Leitura... Cartilha.....	1\$500 1\$800
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

## JOÃO KOPKE

Livro de Leitura.....	2\$000
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	3\$500
4.º Leitura Praticas.....	4\$000
Fabulas (em verso).....	2\$000
	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	5\$000

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	4\$000
Selecta Classica (em impressão)	4\$000

## ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

## O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	4\$500
Leitura complementar.....	4\$000
Livro de composição.....	4\$000

## CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

## ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

## ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

## A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
« « —2.º Livro.....	5\$000
« « —3.º Livro.....	5\$000

## MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (4.º e 5.º annos).....	4\$000
Exercicios de Linguagem — (6.º e 7.º annos).....	4\$000

## MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

## E. DE AMICIS

Coração.....	3\$000
--------------	--------

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

## BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

## ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	3\$500
-----------------------	--------

Remmetemos nosso catalogo gratis, para todoo Brasil